

Traços da mundivivência geográfica de Eidorfe Moreira

Traits de l'expérience du monde géographique d'Eidorfe Moreira

Eidorfe Moreira's geographical living world traces

Trazos de la mundivivencia geográfica de Eidorfe Moreira

Edir Augusto Dias Pereira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2873>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2873

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Edir Augusto Dias Pereira, « Traços da mundivivência geográfica de Eidorfe Moreira », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 10 | 2018, posto online no dia 26 dezembro 2018, consultado o 14 novembro 2019. URL : [http://journals.openedition.org/terrbrasilis/2873](http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2873) ; DOI : 10.4000/terrbrasilis.2873

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Traços da mundivivência geográfica de Eidorfe Moreira

Traits de l'expérience du monde géographique d'Eidorfe Moreira

Eidorfe Moreira's geographical living world traces

Trazos de la mundivivencia geográfica de Eidorfe Moreira

Edir Augusto Dias Pereira

Uma geografia do norte do Brasil

- 1 A vida de um geógrafo pode ser lida pela geografia por ele traçada, vivida e escrita. A geografia por ele legada pode ser lida tanto por sua vida quanto pelas “concepções” que a fundamentam. Eidorfe Moreira (1912-1989) foi um geógrafo paraense que ousou conceber a vida em termos geográficos. Uma ousadia expressiva no momento e lugar em que produziu sua geografia: de 1930 a meados de 1980 em Belém do Pará. Mas, também, pelo modo como a partir da geografia, e apesar da geografia, procura *geografizar*,¹ *paisagizar*² ou tratar geograficamente temas tão diversos, controversos e pouco comuns ou ortodoxos na seara³ geográfica de então.
- 2 A geografia foi uma paixão fundamental na vida de Eidorfe Moreira, por isso podemos considerar que ele não apenas se dedicou profissionalmente a geografia, mas viveu a geografia. São alguns “traços”⁴ de sua “mundivivência”⁵ da geografia que pretendemos destacar, percorrer e situar. Não com a pretensão de apresentar seu “pensamento geográfico”, o modo como pensou e produziu geografia, mas com a intenção de tomar estes traços, este entrelaçar contraditório e ambivalente de geografia e vida, de biografia e bibliografia, como uma “herança” (um tanto silenciada, apagada, esquecida, suprimida no pensamento geográfico brasileiro) a qual vale a pena lançar adiante.
- 3 Tudo o que Eidorfe Moreira escreveu a partir da geografia, com seu olhar geográfico, pode ou não ser considerado significante em termos de construção da geografia produzida no Brasil. Mas, com certeza, apresenta uma marca significativa considerando o modo como procurou estender a geografia além dos limites estabelecidos,

aproximando-a da filosofia, da poesia, da arte, da literatura e, particularmente, de aspectos poucos considerados (pela geografia existente no país) da vida, da cultura e da realidade socioespacial amazônica brasileira. Talvez este traço fundamental de sua escrita geográfica ensaística (a busca de uma “filosofia geográfica”)⁶ já nos anime a evidenciar sua trajetória enquanto geógrafo. Acolher este geógrafo do norte do Brasil é atentar para uma geografia que buscou trilhar um caminho próprio através de instigantes ensaios teórico-analíticos.

Traços biobibliográficos de Eidorfe Moreira

- 4 Eidorfe Moreira nasceu na Paraíba, em 1912, filho de um militar, mas aos dois anos de idade foi com sua família para Belém, aí permanecendo até o final de sua vida, em 1989. Passou apenas seis anos em Soure, no Marajó, onde estudou de 1921 a 1927, retornando à Belém.⁷ Eidorfe Moreira é, sem dúvida, um paraense-belemense, com uma experiência de infância no interior e já na vida adulta na capital.
- 5 Como estudante do colégio Paes de Carvalho, participou do movimento estudantil em Belém de apoio à chamada Revolução Constitucionalista de 1932, perdendo o braço esquerdo em função de um tiro no confronto com a polícia paraense. Certamente esta experiência trágica explica o afastamento dos movimentos políticos, leva-o a uma maior dedicação aos estudos e, em termos de interesse intelectual, o leva a tentar compreender analiticamente a formação da juventude paraense desse período.⁸ Como observa Chaves (1989a, v. I: 18) tal fato “marcaria, fundamentalmente, sua personalidade e sua vida”.
- 6 Em 1934 Eidorfe Moeria ingressou como estudante na Faculdade de Direito do Pará e começa a publicar artigos em jornais de Belém. Quase toda sua produção se dá, a partir de 1935, por meio dos ensaios que publicou em jornais e revistas do Pará,⁹ os quais mais tarde converteria ou os organizaria em forma de livro, a maioria custeado pelo próprio autor. Os jornais são os principais meios difusores dos ensaios que Eidorfe escreve sobre temas diversos, particularmente a partir de 1950.
- 7 Após formado em Direito, começa a atuar como professor de Economia Política, a partir de 1939, e no ano seguinte ocupa a cátedra de Introdução à ciência do Direito, na Faculdade de Direito do Pará onde estudou. Mas logo em seguida passa a atuar como professor de Geografia em várias escolas de Belém como: Ginásio Progresso Paraense (1943), Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo (1944), Colégio Moderno (1945-1963), Ginásio Paes de Carvalho (1947) e Ginásio Souza Franco (1948). No mesmo período também atua na Delegacia Regional de Seguros.
- 8 De fato, Eidorfe seria mais conhecido como professor de Geografia e pela Geografia a que se dedicou com mais afinco durante toda sua vida, “pensada em relação direta com os domínios contidos no campo significante de cultura” (Coelho, 2012: 7). A geografia, para Eidorfe Moreira, não era apenas uma disciplina com a qual travava conhecimento como autodidata ou trabalhava no ensino, no planejamento e a partir da qual escrevia. A geografia aparece mais em suas atividades profissionais e intelectuais como um condensador de interesses diversos. Um campo centrípeto de agregação de uma série de objetos, temas, problemas, intenções, inquietações e investigações. A centralidade da geografia na vida e no pensamento de Moreira é inegável.

- ⁹ Quando da fundação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), em 1954, entregue a direção de Arthur Cezar Ferreira Reis, Moreira passou a trabalhar no setor de divulgação da mesma, a partir da qual começou a publicar importantes trabalhos sobre a Amazônia, como o ensaio *O conceito de Amazônia*¹⁰, publicado pela SPVEA em 1958 e no mesmo ano, já revisto e ampliado publicou-o com o título *Amazônia: o conceito e a paisagem*, pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) e em 1960 pela SPVEA. Eidorfe contribui significativamente para descentralizar a produção sobre a geografia da Amazônia do eixo do Sudeste, com um trabalho de reflexão teórica sobre a região balizado por instituições legitimadoras do discurso regional (Pereira, 2016). Mas a qualidade dos ensaios geográficos de Moreira sobre a Amazônia é inegável, tanto pelos temas: da formação histórica (a cidade de Belém, a economia da borracha), de expressões sócio-culturais (o círio de Nazaré), de expressões físico-naturais (os igapós) e da delimitação, conceituação e análise geográfica regional (conceito e paisagem da Amazônia), quanto pelo modo de abordá-los.
- ¹⁰ Em 1966 publica *Belém e sua Expressão Geográfica*. Em 1967 ingressa na Universidade Federal do Pará (UFPA) como diretor da Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural, a convite do reitor José da Silveira Neto (Chaves, 1989a, v.1: 21), atuando durante muitos anos no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Em 1977 publicou uma história do primeiro dez anos da UFPA, que havia sido criada em 1957. Guimarães (2012: 262) observa que Moreira faz uma espécie de arqueologia da UFPA, ressaltando o “sentido geopolítico” de sua criação tanto internos (a construção de Brasília) quanto externo (o fim da II Guerra Mundial). Em 1985 publicou seu último livro: *Geografias Mágicas*.

Uma incursão geográfica

- ¹¹ O conjunto da produção de Eidorfe Moreira foi reunida em oito volumes em *Obras Reunidas de Eidorfe Moreira*, em 1989, pelas Edições SEJUP. Benedito Nunes (1989: 25) classifica os livros de Moreira em três conjuntos: a) os específicos sobre a região amazônica; b) os geográfico-literários e c) os de história cultural do Pará. Em todos esses três eixos de produção bibliográfica, Moreira contribuiu decisivamente para a produção intelectual paraense. No campo da história cultural do Pará, por exemplo, foi um dos primeiros a tentar fazer uma história dos livros didáticos produzidos no Pará, a escrever sobre a presença dos judeus no estado e sobre o círio de Nazaré. No que diz respeito a sua produção geográfica sobre a Amazônia, seus ensaios constituem um novo regime de representação espacial da região (Pereira, 2016). O que há talvez de mais expressivo em Moreira encontra-se em seus ensaios de “geografia filosófica”, a partir da publicação, em 1960, de *Ideias para uma concepção geográfica da vida*.

- ¹² Nunes (1989: 25) entende que, graças ao esquema geográfico do seu pensamento, Eidorfe Moreira soube ligar o universal dos conceitos à concretude das situações particulares, utilizando a “linha sinuosa, indagadora do ensaio enquanto uma forma individualizada, literariamente relevante de investigação teórica, capaz de elevar mesmo os temas locais, particulares, a um plano de universalidade cultural e histórica” (Nunes, 1989: 25). Neste livro Moreira:

[...] defende a aproximação entre a filosofia e a geografia, na base de uma concepção geográfica da vida que, devida a sua perspectiva mais ampla e mais diversificada da realidade cênica do Universo, possa infundir na filosofia o sentido da existência

concreta do mundo e do homem que tantas vezes lhe tem faltado. (Nunes, 1961: 39, apud Guimarães, 2012: 220)

- 13 No entender de Nunes, o ponto de vista geográfico de Moreira, o qual:

[...] permite um contacto em extensão e profundidade tanto com a realidade exterior quanto com a realidade humana, torna-se uma posição problemática, que força o pensamento a iniciar a sua trajetória filosófica, no intuito de interpretar a vida tomando por base a amplitude cênica do universo, onde o homem está em constante diálogo com a natureza. (Nunes, 1989: 27-28)

- 14 Neste sentido, a perspectiva geográfica “não dá origem a uma filosofia, mas a uma forma introdutória *ordinegeographico* à filosofia, que pode lançar uma viva luz sobre os problemas tradicionais da reflexão filosófica” (Nunes, 1989: 28) e, também, a algumas questões mais propriamente de ordem geográfica.

- 15 As ideias de Moreira expressas nesse livro, atualizado e ampliado depois em: *Uma filosofia em termos geográfico* e, mais particularmente, os ensaios reunidos em *Geografias Mágicas* (1985), apresentam uma concepção original de geografia. Moreira “relaciona” a Geografia com várias formas de manifestações da cultura ocidental, abordando geograficamente temas ainda não comuns no cânone que definia o campo de estudo e o objeto da geografia. Este livro representa, no entender de Benedito Nunes,¹¹ a contribuição mais original de Eidorfe Moreira como um ensaio de “geografia filosófica”.

- 16 *Ideias para uma concepção geográfica da vida* está dividido em três partes: Aspectos da problemática geográfica, em que trata da cosmovisão geográfica, da epistemologia (empirismo e idealismo), do “ignoramos” geográfico, da descrição em geografia, da relação da geografia com a poesia e da gravidade; Uma visão geográfica da cultura, na qual aborda temas como: a cultura como paisagem, a civilização, a propriedade, o capitalismo, a política e o subsolo, a posição geográfica e a paz; e O Homem e a Paisagem, contendo textos sobre: o antropocentrismo geográfico, o sentimento pâtrio, o amor, a função geográfica da mulher, a solidão, a empatia, o cego e a idealização da paisagem.

- 17 O livro *Uma filosofia em termos geográficos* reproduz quase todos esses temas, mas apresenta outros, alguns incluídos no livro *Geografias Mágicas*. O livro está estruturado em seis partes: um *prologômenos*, que em relação ao livro anterior acrescenta temas como: o espírito geométrico e o espírito geográfico, meio e ambientalismo, o princípio da conexão, o princípio geográfico da linguagem, a relação da Geografia com a Filosofia, a Poesia, a História e a Religião etc.; na segunda parte trata de *Problemas, paradoxos e ilusões*, trazendo uma profusão de temas: metabolismo da paisagem, pântanos, fronteira, viagens e sonhos, o sentimento de natureza nas crianças etc.; a terceira parte, chamada *Figuras e Símbolos*, reproduz muitos dos temas do livro anterior e acrescenta reflexões sobre: o geógrafo, símbolo geográfico, a geografia em Hipócrates, Platão, El Greco, Cervantes, Kant, James Joyce, a felicidade, a bomba atômica etc.; na quarta parte, *Cenas e Cenários*, traz como temas: o homem, o animal e o meio, formas sociais e estereótipos geográficos, a mulher como fator estabilizador da paisagem, a relação dos homens com a floresta, a montanha, as planícies, o deserto, o oceano, temas históricos de Roma e da Idade Média, aviação e a infra-estrutura geográfica da Cultura etc.; *Variações sobre Paisagem* constitui a quinta parte, com temas como: o deserto, o mar, romantismo, impressionismo, paisagem europeia e paisagem americana, ruínas, cego e paisagem, o sertão como complexo geo-simbólico, nevoeiro, a audição etc.; por fim,

Caleidoscópio geográfico, aborda temas como: o mineral e a história, meteorologia e religião, a natureza como personagem, politeísmo e monoteísmo etc.

- 18 A diversidade desses temas “miúdos” já indica o modo como Moreira busca ampliar o escopo de leituras geográficas da cultura e do mundo, mas umas das marcas desses textos é seu diálogo com e a referência constante a textos literários (Pereira, 2014). No geral são textos curtos, espécies de *vinhetas*, nas quais muitas vezes podemos colher alguns *insights*¹² poucos desenvolvidos por Moreira. A interpretação que Moreira dá aos temas elencados também pode, visto da geografia atual, não ser tão original e expressiva analítica e teoricamente, mas apresenta sugestões ou *indicações* válidas ainda para uma leitura geográfica. Por exemplo, ainda temos necessidade em Geografia de compreender melhor como mulheres, crianças e cegos constroem suas experiências e noções de espaço/paisagem. Assim como sua valorização e abordagem geográfica da literatura, e até da pintura, são campos de pesquisa geográfica ainda a explorar.
- 19 Nós podemos, nestas *vinhetas*, considerar então estes *traços*: as definições de termos geográficos (paisagem, espaço, meio, natureza, ambiente e da própria geografia ou do geógrafo); seu modo de abordar geograficamente a literatura; seus *insights* sobre os temas diversos; e suas indicações de possíveis leituras geográficas de temas ainda emergentes na geografia contemporânea.

Vinhetas: *insights* geográficos de Eidorfe Moreira

- 20 Eidorfe Moreira teoriza filosoficamente a paisagem geográfica. A paisagem em seu modo de pensar geográfico ganha algumas filigranas de sentidos. Ao mesmo tempo em que aparece como sinônimo de espaço, de meio, de Natureza, a paisagem é tornada “inoperante” (Agamben, 2017) em relação a “operosidade” característica a ação geográfica humana: “Amamos a paisagem não só pelas sensações e emoções que ela nos causa, como também pela amplitude com que nos permite ver a vida” (Moreira, 1989, v. VIII: 221). Moreira insiste nesse caráter de amplitude, de valor panorâmico da paisagem como seu distintivo e, portanto, o que distingue a própria geografia: “a Geografia é, na essência e no sentido, um modo de ver e de relacionar os seres, as coisas e os fatos em função do espaço” (Moreira, 1989, v. VIII: 221). Amar a paisagem é ter a compreensão disso que ela nos permite, além das sensações e emoções, ou seja, ter-se em conta essa sua potencialidade: nos permite ver a vida em amplitude. O que também significa ver e relacionar seres, coisas e fatos espacialmente.
- 21 O ver e relacionar geográfico envolve uma escala abrangente, inclusive no que diz respeito ao próprio homem: “Em termos individuais, o próprio homem não entra no campo da Geografia, só em termos coletivos, quando forma conjuntos étnicos, políticos, econômicos, etc.” (Moreira, 1989, v. VIII: 221). Não há para Moreira uma geografia do indivíduo humano, assim como não há da escala microscópica. À geografia não interessa o homem enquanto indivíduo, mas apenas enquanto agente coletivo, constitutivo de uma coletividade. Nesse sentido, Moreira considera que “a Geografia descreve apenas paisagens, não cuida de individualidades, de modo que a projeção do homem no espaço é sempre anônima, impessoal, uma projeção de conjunto, pois o que se procura ver aí é uma operosidade coletiva funcionando como força cósmica” (Moreira, 1989, v. VIII: 232, grifo nosso).
- 22 Assim, o homem é um fator geográfico enquanto operosidade coletiva:

O homem não é um elemento acrescido a paisagem, uma sorte de acessório destinado a orná-la ou completá-la, pois se assim fosse seria apenas uma expressão decorativa na superfície do Planeta; na realidade, *ele é o fator geográfico por excelência, e isso tanto pela sua atuação como pela sua própria condição, tanto pelo que faz como pelo que é*: no primeiro caso por ser um modelador de paisagens; no segundo por ser um elemento necessário a sua significação. Mesmo quando não figura na paisagem, o homem está implícito nela. Sem o homem, o espaço é uma noção física ou geométrica, não uma noção geográfica. (Moreira, 1989, v. VIII: 222-3, grifo nosso)

- 23 O homem, como fator geográfico por excelência, modela a paisagem (por sua atuação, pelo que faz) e, também, por dá significado a esta (por sua condição, pelo que é), mesmo quando nela não se encontra presente. Portanto, “a nossa condição e a nossa *operosidade* no plano cósmico está em função da Terra” (Moreira, 1989, v. VIII: 247, grifo nosso), ou seja, geograficamente considerado, o homem é uma “*operosidade coletiva* funcionando como força cósmica” (Moreira, 1989, v. VIII: 258). O conceito central aqui é de operosidade, como atividade humana modeladora da paisagem: “As atividades humanas não se configuram apenas enquanto sociais, mas em termos geográficos também, de modo que toda estrutura social tem uma fácie paisagística” (Moreira, 1989, v. VIII: 260).
- 24 A paisagem, no entanto, pode apresentar vários sentidos geográficos para os homens, de acordo com suas configurações e as relações que estes mantêm com esta. Pode estar relacionada com a solidão, com a felicidade, com as diferentes formas de idealização, com a produção de simbologias, com a constituição psíquica, com a construção literária etc. Os significados que a paisagem adquire para os homens é o que demarca o campo do saber geográfico, o que seria “propriamente geográfico”, uma preocupação constante de Moreira: “Não é tanto pela sua configuração em si, mas pelo que significa ou pode significar em relação ao homem, que um trecho da superfície terrestre se torna verdadeiramente interessante para o geógrafo” (Moreira, 1989, v. VIII: 223). Portanto, “a Geografia será sempre um estudo de paisagens, e um estudo de paisagens envolve naturalmente a consideração do que elas significam ou representam como ambiente natural do homem” (Moreira, 1989, v. VIII: 223).
- 25 Mesmo assim, é preciso considerar as relações que mantém entre si os diferentes elementos da paisagem:
Os fatos geográficos são fatos de relação, achando-se como se acham em função de uma paisagem, de modo que a sua significação depende do grau ou realce dessa funcionalidade. [...] Nenhum acidente geográfico explica por si só um quadro ou panorama, nem pode ser considerado uma expressão autônoma em relação ao conjunto do qual faz parte. (Moreira, 1989, v. VIII: 225)
- 26 Essa interação entre os elementos da paisagem é também um distintivo geográfico de primeira ordem: “Nada aliás do que participa da paisagem pode ser considerado à parte do conjunto” (Moreira, 1989, v. VIII: 235). Por isso, o mais importante princípio geográfico é o da conexão, “não só porque fixa os fatos ou acidentes geográficos em função de seu relacionamento, como também porque mostra a importância desse relacionamento para a expressividade e caracterização das paisagens” (Moreira, 1989, v. VIII: 225).
- 27 A solidão e a felicidade, assim, podem ser consideradas em termos geográficos como condicionadas por relações paisagísticas: “A pior solidão não é a que resulta da falta de convívio social, mas a que decorre do desapreço ou incompatibilidade com a paisagem” (Moreira, 1989, v. VIII: 237). Por isso, os homens podem ser infelizes em razão da paisagem: “Como entre os indivíduos, existem também ‘afinidades eletivas’ entre os

homens e a paisagem, o que nos induz a crer na possibilidade de uma fórmula geográfica da felicidade, fórmula esta que consistiria em achar a paisagem mais consentânea e favorável ao nosso temperamento, inclinações ou preferências pessoais” (Moreira, 1989, v. VIII: 254). Para Moreira (1989, v. VIII: 254) “a felicidade tem conotações geográficas, isto é, pressupõe uma identificação com a vida em termos de paisagem também”, por isso a falta de “identificação geográfica com a vida” é o pressuposto da “solidão geográfica” (Moreira, 1989, v. VIII: 237).

- 28 Há um sentido ontológico ou ôntico em nossas relações com a paisagem: “Há homens para os quais certos tipos de paisagem constituem verdadeiro complemento de sua personalidade, já para não dizer mesmo uma necessidade íntima do ser” (Moreira, 1989, v. VIII: 279), portanto, “O que eles procuram é o suprimento de alguma coisa necessária a sua própria alma, isto é, uma sorte de sintonização geográfica para melhor sentir a sua consonância com a vida e com o Universo” (Moreira, 1989, v. VIII: 279). A “sintonização geográfica” não se dá apenas com paisagens nas quais concretamente podemos viver e das quais podemos fluir: “Não temos apenas necessidade de uma paisagem real para os nossos sentidos; temos também a necessidade de uma paisagem ideal para os nossos sonhos. Não lidamos apenas com paisagens concretas e conquistáveis, mas também com paisagens míticas e fugidias” (Moreira, 1989, v. VIII: 274).
- 29 Desse modo, Moreira mostra que nossas relações com as paisagens não são apenas ditadas por necessidades e interesses materiais, conscientes, racionais e, ao mesmo tempo, que não são relações inócuas em termos da nossa existência, do nosso ser: ser e paisagem estão intimamente ligados, a tal ponto que nossa vida psíquica, nossa vida interior, se constitui em razão do espaço, como um espaço, uma paisagem: “nossa espaço espiritual ou psíquico tem modelação geográfica; não é espaço puro, é uma paisagem” (Moreira, 1989, v. VIII: 238). Esta conformação da psique humana (ou do ser) como uma paisagem indica o quanto não estamos apenas situados e condicionados por paisagens reais: “Realmente, todo homem tem a sua geografia interior, a paisagem espiritual da sua personalidade, paisagem ora estável, ora flexível e proteiforme, com suas variações de clima e colorido, com muitos mistérios e exotismos” (Moreira, 1989, v. VIII: 238). Mesmo assim, esta “geografia” do espírito guarda sempre certas “afinidades e consonâncias” com a geografia real (Moreira, 1989, v. VIII: 238).
- 30 Podemos pôr em questão o modo como Moreira procura relacionar Geografia e Filosofia, quer dizer, busca definir a Geografia como uma filosofia. O fato dele tentar esta aproximação certamente é relevante em vários aspectos, como sublinha Nunes (1989), mas a concepção (“sua filosofia geográfica”) que resulta dessa aproximação desperta uma série de questionamentos. O caráter filosófico da geografia, para Moreira (1989, v. VIII: 230), estaria em sua condição de um saber “abrangente e sintético, abrangente porque visa conhecer a paisagem integral da vida, o mundo exterior em sua rica expressividade cênica, sintético por ser uma síntese de ciências”. Há, em Moreira, uma concepção particular da Geografia e da Filosofia que as aproxima e identifica ao mesmo tempo em que as separa e distingue. Moreira (1989, v. VIII: 230), por exemplo, afirma que o geógrafo, enquanto analista de paisagem, não entra em considerações epistemológicas ou gnoseológicas sobre suas análises, a não ser ocasionalmente, como ele mesmo o fez várias vezes, o que de fato o contradiz. E que não o interessam abstrações ou distinções conceituais, o que também Moreira pratica, pois “a Natureza é

sempre um dado dimensional concreto – o mundo exterior considerado em suas magnitudes cênicas” (Moreira, 1989, v. VIII: 230).

- 31 Eidorfe Moreira faz um esforço de tornar explícita a própria “natureza e definição” da geografia como filosófica, no sentido que ele comprehende o que é próprio da Geografia. Nesse empreendimento cunha uma expressão filosófica bastante específica para a Geografia, particularmente pelo modo como entra em diálogo com as obras literárias diversas. São entradas com ênfases bem determinadas em aspectos específicos das obras, geralmente os que mais possibilitam relacioná-los com a paisagem ou as relações com o mundo material/físico, em vinhetas (textos geralmente curtos) que raramente nos permitem aprofundar o modo como a geografia poderia articular uma leitura mais profunda dos textos literários. Mesmo suas análises desses diversos modos do “geografizar” ou “paisagizar” literário apresentam-se como *geografias minoritárias* ou *geografias miúdas* (Pereira, 2014).
- 32 De todas possíveis contribuições que a obra de Eidorfe Moreira possa ter deixado de “herança” à Geografia, ou seja, de todos os traços que nos parece de interesse atual à Geografia, pensamos que sua maneira de ler geograficamente obras literárias seja a que possui os *insights* e as indicações (ou *índices*) mais expressivos. Podemos ver isto em uma obra de 1962, *Presença do Mar na Literatura Brasileira*.
- 33 Além, evidentemente, da “ineditidão” do trabalho dentro da geografia brasileira, a obra aponta para a construção de categorias e de um método de leitura/abordagem que procuram reforçar o sentido geográfico, o propriamente geográfico dos textos. Quanto as categorias, Moreira privilegiou o que ele chamava de “presença geográfica”. Isto, de certo modo, permite com que se afaste de uma leitura meramente “realista” das obras, ou apenas a partir das suas “representações”¹³ dos espaços concretos, reais, físicos. Ainda que, quando estes textos tendem a se afastar dessa forma de construção literária ele os considera menos “geográficos”. Mesmo assim ele não deixa de considerar essas formas de “representações” mais subjetivas, simbólicas, existenciais, sociais etc. Moreira não se preocupa tanto com a forma de representação (a figuração), mas com a “presença da paisagem”.
- 34 Moreira mobiliza algumas categorias interessantes, que ao longo das suas análises das obras assumem diversos sentidos, em geral são pares de termos opostos, complementares ou distintos. Creio que o primeiro de todos é o sentido que dá a “presença geográfica” e a “expressão geográfica”, que ele também chama de “presença real”. Quando não há a presença real prevalece a “presença virtual”. Ao longo do livro Moreira também mobiliza o conceito de “atmosfera”¹⁴ como uma maneira de compreender a espacialização das obras: ainda que atmosfera apareça em oposição a presença geográfica, mantém um papel importante em sua leitura.
- 35 Moreira raramente relaciona uma obra com a outra, apenas em breves comparações ou na avaliação geral das classificações abrangentes. Quase nunca faz referência a biografia dos autores e pouco enfatiza o contexto em que foram produzidos os textos. Também não resume ou aborda a obra em sua totalidade. O que interessa a Moreira são determinados excertos na maioria das vezes direta ou indiretamente destacados dos textos. Moreira se preocupa com os traços ou índices das obras que, a partir de seu recorte, o tema da “presença” do mar (paisagem), implicam a maneira como este assume ou não uma expressão e um “sentido” geográfico ou paisagístico efetivo. De fato, o “sentido” só aparece no final do livro, os termos usuais de Moreira são figuração, expressão e presença.

- 36 Para Moreira uma literatura seria “geográfica” – na expressão as aspas são usadas sempre – pela “presença” constante da paisagem, ou seja, quando acusa um forte “paisagismo”. A literatura brasileira seria dessa ordem, pois a “nota dominante” do processo estético está em que autores e personagens criam e agem muito presos ao espaço físico, ou seja, há a prevalência do ambiente sobre a trama e os personagens (Moreira, 1989, v. III: 7). Moreira reforça, com isso, o papel ativo que a paisagem apresenta nestes textos: “A paisagem como que exerce nesse caso uma ação permanentemente extroversora sobre os personagens [...], [os quais] só se realizam e se completam quando vistos em função do espaço”, sendo que “O homem é aí uma sorte de emanação da paisagem” (Moreira, 1989, v. III: 8).
- 37 A ideia de nota dominante também é lida por ele como um “acento dominante”, neste caso o “acentuado pendor paisagístico” das obras literárias (Moreira, 1989, v. III: 9). Nota ou acento significam que há na literatura uma “tônica”¹⁵ geográfica (Moreira, 1989, v. III: 14), sendo que essa “tônica” não será outra coisa senão o predomínio cênico dos motivos paisagísticos que lhes são peculiares (Moreira, 1989, v. III: 15) e, evidentemente, pode variar no decorrer do processo histórico de um povo (Moreira, 1989, v. III: 16). Antes de tudo, então, a presença geográfica da paisagem em uma obra literária se faz ler por Moreira como uma nota, um acento ou uma tônica dominante, uma “constante”¹⁶.
- 38 Moreira, no entanto, pensava que “em uma obra de fundo e sentido psicológicos não há em princípio lugar para a Natureza e muito menos para paisagismos” (Moreira, 1989, v. III: 11). Contradicoratoriamente, ele vai falar em uma presença real e uma presença virtual da paisagem. Esta distinção de presença paisagística está relacionada a “expressão geográfica” ou “presença geográfica” da paisagem, que pode aparecer como “figuração” ou “atmosfera” na obra. Toda obra apresenta para Moreira uma dada *atmosfera*, o mar assim pode aparecer nas obras “como paisagem e como atmosfera social, isto é, como fonte de motivação ou matéria-prima literária” (Moreira, 1989, v. III: 14). Portanto, o que definiria uma literatura como “literatura ‘geográfica’” seria sua “atmosfera literária” (Moreira, 1989, v. III: 19). A paisagem geográfica pode figurar em menor ou maior grau de expressão e de diversas formas em obras literárias. Na poesia brasileira, Moreira explica que o mar figura como: cenário e imagem: criação de sentidos e sugestão ou vivência poética (Moreira, 1989, v. III: 23). No primeiro caso trata-se da presença “descritiva” e no segundo de uma presença “lírica” (Moreira, 1989, v. III: 23, as aspas são do autor). Haveria, portanto, uma presença real do mar, geralmente literalizada em termos descritivos, e uma presença virtual, como intuição ou realização puramente lírica (Moreira, 1989, v. III: 23), neste último caso “o mar não suscitaria uma atmosfera literária” (Moreira, 1989, v. III: 23). A oposição da paisagem como cenário e imagem será fundamental para a leitura geográfica de Moreira, indicando mais uma expressão poética ou mais uma expressão geográfica.¹⁷
- 39 A presença geográfica da paisagem para Moreira deveria apresentar um “puro cunho geográfico”. Moreira sempre enfatiza quando predominam “notas” mais históricas, religiosas, acústicas, subjetivas, psicológicas, simbólicas ou sociais sobre as notas ou tônicas geográficas nas obras. Moreira expressa bem isso ao considerar que a figuração de uma paisagem como cenário não expressa uma “presença geográfica”, se não for motivo, mas apenas pretexto; se não houver uma relação vinculativa, mas apenas apresentar uma situação ideal ou mero recurso lírico (Moreira, 1989, v. III: 40). A relação vinculativa do autor ou personagem com a paisagem faz com que esta se

- apresente como um “elemento participante” do texto, uma “atmosfera” como “presença real” propriamente geográfica (Moreira, 1989, v. III: 43-4).
- 40 A presença geográfica pode ser avaliada como modo como Moreira considera o acento dado a paisagem pelo Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo brasileiro: “Os românticos acentuam na paisagem os efeitos do conjunto ao contrário dos parnasianos que acentuam de preferência o relevo das partes” (Moreira, 1989, v. III: 50, grifos nossos), já o simbolismo seria “um movimento sem atinências geográficas”, pois “os simbolistas procuram na paisagem menos motivos geográficos do que efeitos e impressões” (Moreira, 1989, v. III: 60-1, grifos nossos), sendo que para estes a paisagem não passa de um “patrimônio de afetividades” (Moreira, 1989, v. III: 62).
- 41 O mais interessante em Moreira é a maneira como destaca a presença geográfica como uma questão de relação ontológica com o espaço/paisagem. Por exemplo, em Vicente de Carvalho observa que “há um sentimento do mar definido e individualizado, como há até mesmo uma ‘constante’ marinha”, ou seja, na sua poesia o mar “é mar, simplesmente mar, numa visão poética do seu polimorfismo, magnitude e selvatiqueza” (Moreira, 1989, v. III: 53). Portanto, “A presença do mar nesta obra não resulta apenas de uma exigência da sensibilidade, mas de uma imposição temperamental e ôntica, de algo que lembra uma necessidade vital e íntima do ser” (Moreira, 1989, v. III: grifos nossos).
- 42 Para Moreira, um elemento da paisagem ou a própria paisagem pode ser mais ou menos geograficamente presente numa obra literária. Algumas vezes a paisagem pode ser apenas “uma projeção de estados d’alma” do autor/personagem, desse modo seria “menos uma expressão geográfica do que uma realidade psicológica” (Moreira, 1989, v. III: 54). Este elemento, como o mar, pode ser também uma paisagem e uma simbologia (Moreira, 1989, v. III: 58). Ainda que o simbólico pode se distinguir do geográfico, não quer dizer que o contraponha.¹⁸
- 43 Moreira, assim, analisa a paisagem nas obras literárias pela maneira que nelas se apresentam *formas, aspectos e sentidos* da paisagem. Na poesia moderna brasileira, por exemplo, as formas que o mar aparece podem ser pelas formas e aspectos de: praia, portos, mangue; através de uma presença histórica, simbólica ou mais subjetiva. Desse modo, aparece “como pura vivência, isto é, *um estado ou experiência subjetiva traduzida através de imagens ou símbolos marinhos*” (Moreira, 1989, v. III: 64). Neste caso também a memória pode jogar um papel importante, em particular a da infância: “o quadro geográfico se condiciona e configura ao sabor da memória da infância” (Moreira, 1989, v. III: 66).
- 44 Em termos gerais, teríamos uma “literatura geográfica” à medida em que a “presença real” da paisagem fosse mais acentuada que a “presença virtual”, quer dizer, a partir da “nota” ou “tônica dominante” dos textos, quando a paisagem não fosse aí um mero “vetor”, mas uma “constante” (Moreira, 1989, v. III: 102). A “expressão geográfica” de um texto se faria notar pelas “motivações” traduzidas em “imagens e figurações” diversas: acústicas, visuais, cenestésicas, eróticas, históricas, psicológicas, simbólicas, subjetivas, existenciais (ônticas) etc. A expressão geográfica ou a presença geográfica seria matizada ou mesmo anulada pela “atmosfera literária” predominante.
- 45 A distinção entre o que é “propriamente geográfico” e o que não é complica bastante a leitura de Moreira, mas uma das suas mais sutis e ricas indicações tem a ver com a questão ontológica da presença da paisagem nos textos literários. No caso, quando a presença da paisagem tem mais a ver com vivências/experiências subjetivas, com “uma

necessidade vital e íntima do ser”, com estados d’alma, com “uma inquietação ôntica” (Moreira, 1989, v. III: 73). Assim acontece em relação ao mar quando o poeta realiza “um mergulho do ser num mar de cinestesias inebriantes” (Moreira, 1989, v. III: 68), antes de figurar o mar como “fato geográfico, figura como fonte de referências [...], sem o concurso sensorial [...], apenas com a insinuação poética de sua presença” (Moreira, 1989, v. III: 69, grifos nossos), como observa sobre a poesia de Jorge de Lima. O mar não seria uma “realidade geográfica”, teria apenas um sentido geográfico “remoto e indireto”, pois seria “estado de pura subjetividade”, quer dizer, trata-se do “mar como sugestão de mistérios e da imensidão do ser; ou mais precisamente – o mar como necessidade para um simbolismo e para uma experiência ontológica” (Moreira, 1989, v. III: 72, grifo nosso).

- 46 Para Moreira o predomínio do aspecto ou sentido simbólico e da experiência ontológica de uma paisagem não guardaria um sentido geográfico, como na poesia de Cecília Meireles. O espaço pode aparecer assim como “pura vivência lírica, a despeito de certos tons ou aparências geográficas” (Moreira, 1989, v. III: 72). Nestes textos poéticos, “O mar não aparece, nem sequer se esboça geograficamente, mas sugere desejos de aventuras e migrações, um estado por assim dizer de evasão” (Moreira, 1989, v. III: 73). Neste caso também, a paisagem pode estar ligada a “ambiências profundas” (Moreira, 1989, v. III: 83), a “uma necessidade existencial e artística” (Moreira, 1989, v. III: 87).

- 47 Em outros textos, no entanto, como em Augusto Frederico Schmidt, teríamos:

[...] o mar como real presença geográfica, o mar como fato sensível e não como condição de fuga, estado psíquico ou vivência poética [...] o mar na sua imponência épica, na sua impressionante rudeza primitiva, quer dizer, na sua mais pura e grandiosa expressão geográfica. (Moreira, 1989, v. III: 74, grifos nossos).

- 48 Em Lêdo Ivo também ver um “poeta ‘geográfico’”, pois:

[...] na sua imagética prevalecem os motivos paisagísticos, havendo mesmo, de acordo com a natureza e o sentido das imagens, duas espécies de “geografias”, uma “geografia” que chamaremos absoluta, de completa e irrestrita liberdade poética, e uma outra que diremos nativista, reflexo direto da paisagem real. (Moreira, 1989, v. III: 79, grifos nossos)

- 49 Nos romances de James Amado também a paisagem é vista “como realidade geográfica e não como mera criação poética ou puro fiat da imaginação; sentimo-la na sua plena e ostensiva caracterização física, quer dizer, como forma, som, dimensão e colorido” (Moreira, 1989, v. III: 91, grifo do autor). Desse modo, “sua paisagem não resulta da impressionabilidade deste ou daquele sentido, mas da impressionabilidade distinta e integral de todos” (Moreira, 1989, v. III: 91). Moreira valoriza muito isto que ele chama de “efeitos sensoriais da paisagem” (Moreira, 1989, v. III) quanto mais completos e complexos se apresentem.

- 50 A demarcação do “propriamente geográfico” se opõe em Moreira à tônica predominante de uma “atmosfera social” no texto literário, ou seja, quando há “preponderância do ‘social’ sobre o ‘geográfico’” (Moreira, 1989, v. III: 105). Para Moreira, a expressão geográfica é fraca ou suprime-se quando “a atmosfera social absorve os efeitos dos quadros naturais. [...] a paisagem se reduz aí a um vago cenário ou simples pano de fundo para os personagens”, (Moreira, 1989, v. III: 106). Desse modo, a “atmosfera social” faz com que a paisagem não seja “uma presença geográfica”, mas “uma disputa política e econômica em torno dele”, (Moreira, 1989, v. III: 109, grifo nosso), como a África em Castro Alves é “mais uma forma de infortúnio do que uma expressão geográfica” (Moreira, 1989, v. III: 42, grifo nosso) e o mangue em João Cabral

de Melo Neto é “mais um drama social e humano” (Moreira, 1989, v. III: 76). Quer dizer, em muitas obras literárias a paisagem não chega a ter “propriamente uma expressão geográfica, não existe paisagisticamente falando, porque é sobretudo uma ‘atmosfera’” (Moreira, 1989, v. III: 115).

- 51 Para Moreira quando predomina o subjetivo, psicológico, o simbólico, o social, o político, o histórico ou a memória não temos uma presença ou expressão geográfica. Esta perspectiva fica clara no modo como em Gilberto Freyre a paisagem aparece: “não procura na paisagem valores cênicos, pois não o interessam os fatos geográficos na sua desnuda significação paisagística. Ele os vê menos como acidentes físicos do que como referências ou centros de motivação para determinadas relações sociais” (Moreira, 1989, v. III: 165, grifo nosso). Não é que a paisagem não apareça na obra de Gilberto Freyre, o problema é o modo como aparece: ela não tem presença como referência ou centro de motivação para as relações sociais por ele tratada, não tem atuação efetiva nem se destaca pela identificação que se possa ter com ela.
- 52 Assim como quando trata da obra de Machado de Assis, na qual a paisagem parece não ter relevância. Moreira faz notar que a paisagem não precisa ser descrita em seus aspectos mais visíveis para que tenha expressão. Ainda que “numa obra de fundo e sentido psicológico não há em princípio lugar para a Natureza e muito menos para paisagismo” (Moreira, 1989, v. III: 11). No entanto, considera que “Machado de Assis não se alheiou (*sic*) da paisagem por motivos ou considerações estéticas, senão por um certo tolhimento ou capacidade sensorial em relação a ela, pois lhe faltava imaginação visual para representá-la ou reproduzi-la” (Moreira, 1989, v. III: 11). Portanto, para Machado de Assis, “A paisagem só interessa como pretexto ou complementação psicológica, isto é, para ilustrar, reforçar ou arrematar o curso de uma análise em torno das cavilações ou estados da alma de seus personagens” (Moreira, 1989, v. III: 12). Até mesmo Gumbrecht (2014) reafirma esta insignificância do espaço em Machado de Assis. Se considerarmos o modo como Moreira posteriormente estabelecerá relações entre “paisagens de superfície” e “paisagens de profundidade” (1966), o que chamamos de *paisagens elípticas* (Pereira, 2014), é preciso fazer uma releitura do modo como Machado de Assis constrói toda uma “geografia literária” centrada na cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Quer dizer, a “presença real” (ou efetiva) e a “presença virtual” do espaço/paisagem na obra de Machado de Assis não pode ser desprezada só porque ele não se detém a descrever os ambientes externos onde situa suas tramas narrativas e personagens.

Algumas considerações gerais

- 53 Talvez a mais contundente contribuição de Eidorfe Moreira à geografia brasileira não esteja apenas em suas tentativas de aproximar-a da filosofia (ou torná-la uma filosofia, uma concepção da vida), nem no modo como valoriza as representações literárias do espaço. Sua contribuição se faz evidente na forma como comprehende a própria geografia ou o que é propriamente geográfico, o distintivo da geografia enquanto ciência/saber, a partir das relações que os homens mantêm com o espaço, o meio, a Natureza, a paisagem, a Terra. Afinal, o seu modo de compreender e tentar elevar o conhecimento geográfico, a Geografia, tenciona, desloca-se do que predominava no país e desenha uma espécie de curvatura acentuada na concepção moderno-colonial de geografia enquanto ciência. Moreira desafia, desafia e desafina a predominância da

racionalidade moderno-colonial na concepção da Geografia enquanto um saber científico sobre o espaço, o mundo, a vida, a cultura etc. valorizando aspectos, sentidos, âmbitos e elementos que nos parecem ainda hoje insignificantes ou irrelevantes. O que mais se destaca por isso é o modo como tentou estender a geografia para além dos limites que lhe eram dados em sua época.

- 54 Moreira traz a geografia para mais próximo de questões, dimensões e condições humanas *sui generis*: cego, mulher, criança, deserto, animais, ruína, amor, bomba atômica, propriedade, linguagem, sonho, devaneio, a paz, a felicidade, a solidão. A geografia de Moreira abrange temas que não eram da preocupação corrente de geógrafos. Sua definição de cultura pode ser limitada, mas o leque que abre de temas culturais de interesse geográfico é bem mais alargado e inclusivo. Sua abordagem desses temas pode ser parcial e reducionista (considerando as abordagens de outros campos do saber e as mais atuais), limitada por sua perspectiva da paisagem, mesmo assim não deixa de ser repleta de sugestões, *insights* ou índices relevantes à análise geográfica, histórica e cultural.

Principais Obras Geográficas de Eidorfe Moreira

- 55 Todas as obras se econtram em: Moreira, Eidorfe (1989). *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará: Secretaria de Educação do Estado do Pará: CEJUP (vol. I ao vol. VIII). Colocou-se a notação do volume no corpo do texto para facilitar a localização ao volume mencionado na bibliografia.

Sertão a Palavra é a Imagem. 1959

Amazônia: o conceito e a paisagem. 1960

Ideias para uma concepção geográfica da vida. 1960

Presença do mar na literatura brasileira. 1962

Belém e sua expressão geográfica. 1966

Visão Geo-Social do Círio. 1971

Os igapós e seu aproveitamento. 1976

Influências amazônicas no Nordeste: reflexos da fase áurea da borracha. 1980

Geografias mágicas: ensaios. 1985

BIBLIOGRAFIA

Agamben, Giorgio (2017). *Usos do corpo*. Trad. Silvino J. Assmann. 1^a ed. São Paulo: Boitempo (Estado de Sítio, Homo Sacer, IV, 2).

Chaves, Maria Anunciada (1989). “Nota biográfica. Apresentação”. In: Moreira, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará: Secretaria de Educação do Estado do Pará: CEJUP (vol. I). pp. 17-25.

Coelho, Geraldo Mártires (2012). “Eidorfe Moreira e o conhecimento transdisciplinar”. *Novos Cadernos NAEA*, v. 15, n. 2, pp. 5-20.

- Derrida, Jacques (2013). *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva.
- Guimarães, Maria Stella Faciola Pessôa (2012). “Caminhos para ler Eidorfe Moreira”. In: Moreira, Eidorfe. *Ideais para uma concepção geográfica da vida*. Belém: SEMEC. pp. 213-276.
- Gumbrecht, Hans Ulrich (2014). *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. 1. ed. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio.
- Gumbrecht, Hans Ulrich (2010). *Produção da presença: o que o sentido não consegue transmitir*. 1. ed. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio.
- Moreira, Eidorfe. (1989) *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: Edições CEJUP (vol. III).
- Moreira, Eidorfe (1989 [1960]). “Amazônia: o conceito e a paisagem”. Rio de Janeiro: Agência da SPVEA, In: Moreira, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. I).
- Moreira, Eidorfe (1989 [1985]). “Geografias mágicas: ensaios”. Belém: UFPA. In: Moreira, E. 1989. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. VII).
- Moreira, Eidorfe (1989 [1962]). “Presença do Mar na Literatura Brasileira”. In: Moreira, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. III).
- Moreira, Eidorfe (1989 [1960]). “Ideias para uma concepção geográfica da vida”. In: Moreira, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. II).
- Moreira, Eidorfe (1989). “Uma filosofia em termos geográficos”. In: Moreira, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. VIII).
- Moreira, Eidorfe (1989 [1971]). “Visão Geo-Social do Círio”. In: Moreira, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. IV).
- Moreira, Eidorfe (2012). *Ideais para uma concepção geográfica da vida*. Belém: SEMEC.
- Nunes, Benedito (1989). “Nota crítica”. In: Moreira, Eidorfe. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP, pp. 25-28. (vol. I).
- Pereira, Edir Augusto Dias (2016). *Ensaios de Amazônia: representações espaciais da região no ensaísmo brasileiro*. Niterói: Eduff.
- Pereira, Edir Augusto Dias (2014). “Uma Leitura da Concepção Geográfica de Eidorfe Moreira”. *GEOGraphia*, v. 16, n. 31, pp. 24-50.

NOTAS

1. Moreira (1989, v. VIII: 75) é um dos primeiros geógrafos a tornar a geografia um verbo, neste caso para se referir a escrita literária.
2. Moreira (1989, v. VIII: 255) usa o verbo em relação à ação da mulher na arrumação, ordenação do lar: “Tudo isso traduz um propósito cênico, propósito de *paisagizar*, digamos assim, o ambiente doméstico”.
3. Referimo-nos ao termo usado por Moreira (1989, v. VIII) em um de seus ensaios: *Seara Amazônica*.
4. Refiro-me ao termo “*le trace*” no sentido que lhe confere Derrida (2013). Na tradução brasileira: “rastro”.
5. Termo utilizado por Moreira para analisar um capítulo do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, no livro *Geografias Mágicas* (1985).

6. Expressão utilizada por Moreira (1989, v. VIII) na explicação de *Uma filosofia em termos geográficos*.
7. A maioria do que se segue sobre a vida do autor é baseado na nota biográfica de Maria Annunciada Chaves (Moreira, 1989a, v. 1), amiga de Eidorfe Moreira desde a adolescência (Guimarães, 2012).
8. Expressam esse seu interesse os ensaios “A mocidade paraense” e “Uma página memorável da mocidade paraense” (Guimarães, 2012).
9. Muitos de seus ensaios foram publicados no jornal *A província Paraense* e na *Revista da Cultura do Pará*, periódico do Conselho Estadual de Cultura do Pará (Guimarães, 2012: 216).
10. Originalmente publicado no jornal *A folha do Norte*, em 1955, com o título *Amazônia - considerações em torno do seu conceito e delimitação*.
11. “A forma como Benedito Nunes recebeu esse trabalho de Eidorfe Moreira ficou expressa em crítica elaborada em 1961 para o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*” (Guimarães, 2012: 217).
12. No sentido que Moreira mesmo fala das nuvens das pinturas de El Greco: “Umas indicam tormentas atmosféricas – e são ameaças; outras representam esplendores celestes – e são glorificações; outras, finalmente, parecem traduzir visões íntimas ou estados oníricos – e são formas simbólicas do *insight* do pintor” (Moreira, 1989, v. VIII: 251).
13. Esta relação entre *presença* e *representação* em relação a literatura é enfatizada por Gumbrecht (2010). Evidentemente que a “*presença*” de que fala Moreira não condiz com o modo de entendimento como Gumbrecht constitui sua maneira de “*ler*” e vivenciar textos literários, mas indica caminhos interessantes aos estudos geográficos da literatura.
14. Neste sentido o conceito se aproxima relativamente do modo como Gumbrecht (2014) trata do *Stimmung* (Ambiência, Atmosfera) do texto literário, inclusive pelo uso que faz de metáforas sonoras.
15. Também usa o termo *tônica* para a análise do Círio de Nazaré em 1971 (Moreira, 1989, vol. IV).
16. É como Moreira (1989, v. III: 16) considera o sertão: “o sertão é uma ‘constante’ em nossa literatura, convindo não esquecer que ‘sertão’ não será apenas uma expressão, mas também e sobretudo uma expressão simbólica – o símbolo das fontes e condições que mantem a nossa unidade e alimentam o nosso nativismo”.
17. Moreira (1989, v. VIII) joga o tempo todo com esses pares opostos ou distinções para reforçar o sentido mais propriamente geográfico das obras. Isso pode ser visto quando considera representações do mar “como **imposição histórica** [...] e não como **solicitação espontânea** da sensibilidade ou da inteligência” (Moreira, 1989, v. VIII: 32, grifos nossos), ou quando faz notar que “a presença do lago se faz sentir menos por **inspiração da paisagem** do que por uma **necessidade de idealização**” (Moreira, v. VIII: 36, grifos nossos).
18. Em um “poema geográfico”: “O mar é visto aí em toda sua *perene fluência de formas e aspectos, como cenário e até mesmo como protagonista de um drama praeiro*, que parece se desenvolver em função dele”, por isso “O poeta não se revela só geógrafo, mas também um simbolista das águas” (Moreira, 1989, v. III: 59). Isso significa dizer que há “identificação lírica como mar”, “íntimas e profundas vinculações com o mar” do poeta, ou seja, “a vivência poética não se define apenas em termos cênicos e sensoriais, antes envolve um panteísmo num caso e uma simbologia no outro” (Moreira, 1989, v. III: 60).

RESUMOS

A produção propriamente geográfica paraense de meados do século XX tem sua expressão maior na produção ensaística de Eidorfe Moreira. Este apresenta uma vasta obra voltada em grande parte à geografia da Amazônia e particularmente à construção de uma “filosofia geográfica”. Nesse sentido, é bastante significativa a diversidade de temas que abordou em seus ensaios geográficos e o modo como procurou tanto fazer uso de obras literárias como analisá-las geograficamente. Eidorfe Moreira construiu uma compreensão da Geografia abrangente e sintonizada com questões importantes da cultura, das dimensões e práticas sociais, através de pequenos textos como *vinhetas*, as quais apresentam *insights* e indicações teórico-conceituais importantes para a discussão geográfica.

La production spécifiquement géographique du Pará au milieu du XXe siècle a son expression la plus élevée lors de la production d'essais d'Eidorfe Moreira, qui présente un grand travail centré sur la géographie de l'Amazonie, et en particulier sur la construction d'une « philosophie géographique ». Dans cette perspective, sont assez significatives la diversité des sujets qu'il a abordé dans ses essais géographiques et la manière dont il a tant essayé d'utiliser des œuvres littéraires les analysant en termes géographiques. Eidorfe Moreira a également construit une compréhension globale de la géographie, harmonisée avec les questions importantes de la culture, les dimensions et pratiques sociales, à travers de textes courts tels que les vignettes qui présentent des idées et des indications théoriques et conceptuelles importantes pour le débat géographique.

This properly geographical Paraense production from the middle of the 20th century has its greatest expression in the production of essays by Eidorfe Moreira. This one presents a vast work focused largely on the Amazon geography and particularly on the construction of a "geographical philosophy". In this sense, it is meaningful the diversity of themes he addressed in his geographic essays and the way he sought both to make use of literary works and to analyze them geographically. Eidorfe Moreira has constructed an understanding of geography that is comprehensive and linked to important culture issues, dimensions and social practices, through small texts such as *vignettes*, which present insights and theoretical concept indications that are important for geographical discussion.

La producción propiamente geográfica paraense de mediados del siglo XX tiene su mayor expresión en la producción ensayística de Eidorfe Moreira. Este presenta una vasta obra dirigida en gran parte a la geografía de la Amazonía y particularmente a la construcción de una "filosofía geográfica". En ese sentido, es bastante significativa la diversidad de temas que abordó en sus ensayos geográficos y el modo en el que buscó hacer uso tanto de obras literarias como analizarlas geográficamente. Eidorfe Moreira construyó una comprensión de la Geografía amplia y sintonizada con cuestiones importantes de la cultura, de las dimensiones y prácticas sociales, a través de pequeños textos como viñetas, las cuales presentan insights e indicaciones teórico-conceptuales importantes para la discusión geográfica.

ÍNDICE

Palavras-chave: Eidorfe Moreira, geografia, filosofia, literatura.

Palabras claves: Eidorfe Moreira, geografía, filosofía, literatura

Keywords: Eidorfe Moreira, geography, philosophy, literature

Mots-clés: Eidorfe Moreira, géographie, philosophie, littérature

Índice cronológico: 1930-1980

Índice geográfico: Amazônia, Pará, Brasil

AUTOR

EDIR AUGUSTO DIAS PEREIRA

UFPA-Campus de Cametá. edirgeo@gmail.com